

Possibilidade de análise de temas no filme Robots

Aete Faundes Soares da Silva¹

Resumo

Este trabalho é fruto das minhas preocupações em utilizar novas linguagens no ensino de História. Nos estágios que fiz em algumas escolas estaduais de Uberlândia me defrontei com a impossibilidade de utilização da linguagem fílmica, devido à indisponibilidade das tecnologias necessárias para esse fim. Por isso, em uma das disciplinas que cursei no curso de História, resolvi fazer este trabalho com a intenção de apresentar uma possibilidade de se trabalhar um filme infantil no ensino estabelecendo uma relação com o presente. O objetivo era promover uma análise de temas do filme Robots, como a exclusão social e o consumismo, associando-os à realidade presente. Como o trabalho foi produzido no momento da crise em 2009, relatei a discussão das temáticas a problemas como o desemprego e a exclusão social vividos pelo mundo no período de uma forma geral.

Palavras-chave

Capitalismo. Consumo. Exclusão Social.

1. Acadêmica do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: aete_84@yahoo.com.br.

Possibility of analysis of themes in the movie Robots

Aete Faundes Soares da Silva*

Abstract

This work is a result of concerns of the use of new language in teaching history. In some trainee experiences I had in some state schools in Uberlândia, I faced the inability to use film language, due to the unavailability of the necessary technologies for this purpose. Therefore, in one of the disciplines that I've been studied in History graduation, I decided to make this work with the intention of presenting an opportunity to work in teaching children's film making a link with the present. The aim was to promote a theme analysis of the Robots movie, such as social exclusion and consumerism, linking them to the present reality. This work was produced at 2009 economic crisis. I related the theme discussions to problems such as unemployment, social exclusion, all experienced around the world during this period in general.

Keywords

Capitalism. Consumption. Social Exclusion.

* Student of History graduation at Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: aete_84@yahoo.com.br.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar alguns temas presentes no filme “Robots”. Por isso, minha intenção é promover esta análise pensando na sua aplicação no ensino de História. Assim, proponho discutir as noções de desigualdade social e consumismo, tratando-as como aspectos primordiais do capitalismo contemporâneo.

É importante ressaltar que assisti ao filme “Robots” pela primeira vez em outra disciplina ministrada no auge da crise econômica, que demonstrou seus primeiros sinais em 2007. As recomendações da professora me alertaram sobre a importância de aprofundar a discussão acerca de algumas questões presentes no filme, associadas às dificuldades para utilizar os equipamentos de TV e vídeo nos estágios que fiz em alguns colégios estaduais.

A escolha dos temas - consumismo e desigualdade - teve a intenção de relacionar as questões do filme, produzido em 2005, com os dilemas enfrentados pelo mundo em 2009 em razão da crise. Por isso, resolvi produzir este trabalho ampliando a discussão.

Apesar das críticas dirigidas ao “Robots”, o filme propiciou a problematização dos temas que escolhi, visto que o recorte feito possibilitou a interrelação com o tempo presente. A crise econômica interferiu na diminuição do consumo e, como consequência, o desemprego em massa aumentou desenfreadamente o número de excluídos, fato que teve grande repercussão na mídia de um modo geral.

Os especialistas de diversas áreas, adotando perspectivas de análise diferentes, se empenharam em tentar entender os motivos pelos quais o mercado entrou em recessão. No Brasil, acompanhamos as políticas do Estado para driblar a crise, como os cortes dos fundos destinados às áreas da educação e da saúde e o incentivo ao crescimento do setor de construção civil.

Início o presente trabalho apontando

uma constatação na pesquisa que realizei, nas leituras sobre a relação história/cinema e na utilização deste material no ensino, pois apesar da linguagem fílmica ter sido considerada pelos historiadores como fonte legítima para a produção do conhecimento histórico, alguns trabalhos que lemos tocam no aspecto de reformular a utilização dessa linguagem no ensino com o objetivo de superar o uso da mesma para ilustrar ou preencher a ausência de professores, sem se preocupar em promover análises e debates, conforme proposto nas discussões realizadas por historiadores e docentes sobre o assunto.

Foram os historiadores da *Escola dos Annales*, Marc Bloch e Lucien Febvre, especificamente, que, por volta de 1929, ao ampliarem as fontes da pesquisa histórica para além dos documentos oficiais, abriram o caminho para a legitimação da linguagem cinematográfica como fonte da pesquisa histórica.

No entanto, esta ampliação não propiciou que as várias fontes fossem de imediato “desvendadas para delas extrair o não dito, as entrelinhas e aquilo que potencialmente permite olhares e leituras diversas” (FENELON, 1993, p. 2).

Segundo Nascimento (2008, p. 2), na década de 1960, com historiadores como Marc Ferro e Pierre Sorlin, “as relações teórico-metodológicas entre cinema e história tornam-se objeto de estudo sistemático”. Assim, a renovação da historiografia propiciou o surgimento de novos métodos e objetos de análise e o cinema deixou o sentido maioritariamente comercial, passando a compor as discussões dos historiadores e educadores “visto como um instrumento de possibilidades didáticas variadas” (NASCIMENTO, 2008, p. 2).

Apesar dos novos métodos e objetos de análise do cinema surgidos a partir de 1960, conforme propôs o autor Nascimento, “em 1970, ‘as elites’ e as ‘pessoas cultivadas’ vão ao cinema: o historiador também, mas inconscientemente, ele faz isso como todos, somente como

um espectador” (FERRO, 1992, p. 84).

Assim, ao longo da segunda metade do século XX, a renovação marxista propiciou aos historiadores a mudança de postura em relação ao filme. Sendo assim, várias questões que contribuíam para o aperfeiçoamento da análise fílmica surgiram neste intermédio.

Em 1968, F. Furet escreveu: ‘o historiador deixou de ser o maestro que fala de tudo a propósito de tudo, do alto da indeterminação e da universalidade de seu saber, a história. Ele deixou de contar o que se passou, isto é, deixou de escolher, naquilo que se passou, o que lhe parece apropriado para seu relato, para seu gosto ou para sua interpretação’ (FERRO, 1992, p. 84).

Então, faz-se necessário enfatizar que, além da linguagem fílmica, as diversas linguagens possíveis de serem utilizadas no ensino não podem tornar-se instrumentos para legitimação de velhas práticas docentes, isto é, ferramentas para reprodução do conhecimento. Todavia, elas podem propiciar a atividade reflexiva na sala de aula. Talvez essa afirmação possa inquietar quem questione como isso seria possível.

A preparação dos docentes nos cursos de formação de professores seria um dos elementos. Barreiro (2006), que entendia que a prática de ensino deveria ser associada à formação do professor, situou a intensificação da formação e da profissionalização dos professores na década de 1990, momento em que as políticas neoliberais se fortaleciam.

A formação e profissionalização de professores são temáticas que se intensificam nos anos 1990, no quadro das reformas educativas, associadas às novas exigências geradas pela reorganização da produção e da globalização da economia [...]. É neste contexto, embora talvez não em função dele – e mais pelo reconhecimento do papel fundamental dos professores na melhoria do ensino –, (atualmente diante das reivindicações dos professores não atendidas pelo governo, parece que o papel do professor não é mais fundamental) que as investigações acerca das

práticas de formação de professores ganharão relevância, predominando aquelas que concebem o ensino como atividade reflexiva, adotadas em diferentes países, inclusive no Brasil (BARREIRO, 2006).

A reflexão de Paim (2004) sobre a formação de professores é bastante diferenciada daquela citada acima. O autor inova ao discutir os termos “formar e fazer-se professores”. Desse modo, a formação de professores associa-se à concepção deste profissional como responsável por ensinar, transmitindo um conhecimento produzido por outrem. Enquanto o *fazer-se* professores relaciona-se ao pressuposto de que o professor é um sujeito autônomo capaz de produzir conhecimento, porque atua no debate público com os setores dirigentes e nas relações que constroem com seus alunos em sala de aula.

Na perspectiva do **Fazer-se professor**, entendemos formação como processo contínuo, que ocorre ao longo de toda uma vida e não apenas num dado momento ou lugar. Possibilita-nos pensar na incompletude do ser humano e no seu eterno fazer-se [...]. Em complementariedade às ideias de Thompson, são importantes as do filósofo Walter Benjamin, que nos dá ferramentas para percebermos que a formação é um campo de lutas, no qual diferentes concepções estão disputando espaços [...]. Assim, a construção, **o fazer-se do professor, se dá num processo relacional** (PAIM, 2004, p. 162-166, grifo nosso).

Nascimento (2008) analisou a realidade escolar no estado da Bahia no que se refere a não ou má utilização do cinema enquanto recurso didático nas escolas. Ele aponta dois problemas que podem contribuir para esta situação: a falta de preparo dos professores e a ausência de infraestrutura tecnológica, bem como a falta de espaços adequados para os aparelhos nas escolas que os possuem.

Nesse sentido, nos estágios que realizei nas escolas estaduais do município de Uberlândia, me deparei com situação semelhante, uma vez

que quando as escolas tinham os aparelhos, não podiam utilizá-los devido à falta de reparo, ou por eles ocuparem espaços insuficientes para comportar os alunos de uma turma.

Síntese do filme *Robots*

Para melhor compreensão da análise que irei promover, disponibilizarei uma breve síntese do filme *Robots*, desenho animado lançado em 2005, escrito e dirigido por Carlos Saldanha e Chris Wedge.

Tudo se passa numa terra onde só viviam robôs. As primeiras cenas do filme mostram o Senhor e a Senhora Lataria montando o bebê Rodney Lataria que, à medida que o tempo passava, crescia e precisava trocar de peças, mas, como sua família era de baixa condição financeira, ele nunca ganhava peças novas. Os aniversários eram os momentos de trocar de peças e Rodney sempre recebia as peças que seus primos haviam usado.

O pequeno robô crescia sonhando em ser um grande inventor. Sonho alimentado pelas propagandas vistas na televisão, pelo Grande Soldador, dono da maior companhia de robôs da cidade de Robópolis.

Ao ser demitido do emprego, Rodney muda-se para Robópolis com o intuito de procurar o Grande Soldador, mostrar-lhe sua invenção e arrumar um trabalho para ajudar seus pais, que ficaram em sua cidade natal.

Chegando à Robópolis, ele vai até as indústrias do Grande Soldador e fica encantado com a grandiosidade do local. Lá se apresenta como inventor, mas se choca quando descobre que as portas das indústrias estão fechadas para novos inventores.

Rodney descobre que a situação estava mudada. O consumismo - a busca por novas peças - era instigado por Dom Aco, novo diretor da companhia, antes comandada pelo Grande Soldador, que estava desaparecido.

O slogan de Dom Aco para os robôs era

“por que ser você se você pode ser novo”, que passou a substituir o slogan anterior “você pode brilhar, não importa do que seja feito”.

Dom Aco e sua mãe Iunta planejavam tirar do mercado todas as peças usadas que os robôs em situação semelhante à de Rodney precisavam para funcionar. Em lugar disso, fabricavam peças novas e muito caras. Com isso, muitos robôs que não tinham como pagar por essas peças novas tornaram-se datados, fora de linha, podendo ser retirados das ruas a qualquer momento pelos garis e levados para o ferro velho da Dona Iunta.

Diante desta situação, o robô Manivela, que costumava perder partes do corpo, sua irmã Piper e os outros robôs que também eram vítimas das mudanças administradas por Dom Aco, juntaram-se a Rodney e o ajudaram a consertar os robôs fora de linha. Embora essa medida tenha causado a insatisfação de Dom Aco, que acabou armando um plano para capturar o garoto, Rodney e seus amigos saíram à procura do Grande Soldador e juntos lutaram para desfazer a cultura consumista que atrapalhava a vida dos robôs desfavorecidos financeiramente. Assim, os robôs fora de linha e os robôs novos travaram uma luta, da qual Rodney e sua turma saíram vitoriosos. Por fim, Rodney apresentou o Grande Soldador para sua família.

Análise dos temas do filme

A destruição dos robôs que não tinham condição de comprar peças novas indica a desigualdade reinante no sistema capitalista, uma vez que, na lógica desse sistema, quem não consegue adquirir os bens produzidos pelo mercado está excluído, isto é, no sistema capitalista você costuma ser reconhecido pelo acesso aos produtos oferecidos pelo mercado. Quem pensar nesse sistema, por meio da generalização, vende e compra a ideia de que todos têm acesso aos bens tecnológicos, o que não é verdade.

Sabe-se que o avanço tecnológico não

atinge a sociedade de forma igual, pois o que acontece são grandes contingentes de seres humanos excluídos das benesses tecnológicas. Neste ponto, vale ressaltar que a minha postura não é a de defender ou condenar o avanço tecnológico, mas a de apontar a necessidade de conviver com o lado positivo deste avanço, que propicia a mudança dos hábitos cotidianos, e com o lado negativo, que consiste no aumento das desigualdades sociais.

No filme “Robots”, as mudanças promovidas por Dom Aco na empresa do Grande Soldador indicavam que os robôs pobres, sem condições de adquirir peças novas, deixariam de existir. Um exemplo disso aparece na cena em que o Manivela procura o vendedor de peças com o objetivo de comprar uma peça usada para consertar sua cabeça, porém, ele ouve o vendedor dizer que a partir daquele dia “não existia mais peças usadas, apenas peças novas”.

Desse modo, ao tratar da desigualdade representada no filme, é possível fazer uma analogia com a realidade que vivemos, na qual não são os robôs que vão para a periferia das grandes cidades, mas os idosos, os pobres e os deficientes. Em minha perspectiva, os programas habitacionais do governo brasileiro destinados aos segmentos sociais de baixa renda exemplificam perfeitamente a desigualdade social.

Assim, “Robots” critica um aspecto central da sociedade contemporânea: o consumismo. Este aspecto exclui todos aqueles que as transformações do sistema capitalista tiveram a incumbência de tornar ultrapassados por não estarem de acordo com a última moda. Ele nos coloca em contato com uma característica marcante do capitalismo: a de criar necessidades que talvez fora deste sistema fossem desnecessárias. O consumo associa-se à ideia da novidade, do novo, que substitui os consertos.

Com a ausência do grande soldador, a quantidade de robôs que precisavam de consertos cresceu. Diante disso, preocupado com a situação, Rodney busca uma saída e consegue lembrar o lema do seu ídolo, o robô soldador,

segundo o qual para alguém conseguir inventar era só encontrar uma necessidade. Como Rodney estava diante dela, ou seja, dos robôs precisando de conserto, começou a consertá-los.

Entretanto, a notícia não agradou Dom Aco, que conseguiu prender o jovem robô. Mas, com a ajuda que recebeu da assistente de Dom Aco, Rodney foi até o grande soldador informando-o sobre o acontecido.

Com o lema “você pode brilhar, não importa do que seja feito” no pensamento, Rodney lutou juntamente com os outros robôs e o grande soldador, revertendo a situação e devolvendo a normalidade a Robópolis. O filme termina com a visita do grande soldador à cidade dos pais de Rodney, realizando o sonho do robô.

Lipovetski (2007), ao tratar sobre a sociedade de hiperconsumo, contribui para essa reflexão no sentido em que pensa o pós-fordismo como o marco para as mudanças nas práticas de consumo. Tais mudanças repercutiram na substituição da oferta pela procura. Nesta perspectiva, as empresas vendem, além de produtos, estilos de vida. No filme “Robots” percebe-se essa questão da venda de estilos de vida na cena em que o robô Manivela e os outros chegam à loja e são surpreendidos pelo vendedor, que lhes apresenta as novas peças mantidas em um local limpo, organizado e com muita luminosidade. A limpeza, a organização e a claridade tinham a função de estimular o desejo de compra nos consumidores e, ao mesmo tempo, de gerar a sensação de conforto e comodidade, inexistentes na loja que vendia peças para conserto, ou peças usadas. Neste tipo de loja predominava a desorganização, representada pelo excesso de sucatas e a ausência de luminosidade.

Mvhlen (2007) discute o contraste das imagens de “Robots” referentes à organização do espaço das peças antigas e do espaço onde ficavam as novas peças. Sobre isso esta autora afirma que:

os robôs que vão até a loja à procura de peças para reposição ao fundo, a imagem limpa

e ofuscante faz um grande contraste com o setor da loja destinado às peças usadas, onde o ambiente é poluído, empoeirado e extremamente bagunçado (MYHLEN, 2007, p. 6).

Tratando da rapidez da renovação dos produtos na terceira fase do capitalismo, fase do hiperconsumo, Lipovetski (2007) aponta que:

para estimular o consumo, os atores da oferta não procuram mais produzir artigos de má qualidade: renovam mais depressa os modelos, fazem-nos sair de moda oferecendo versões mais eficientes ou ligeiramente diferentes (LIPOVETSKI, 2007, p. 90).

Desse modo, concordamos com Lipovetski (2007) na ideia de que, no capitalismo, a economia da velocidade promove a rápida renovação da oferta, cujas demandas de consumo emocionais e instáveis estão na gênese dessa escalada.

Desse modo, retomo Santos (2007) para refletir sobre a questão da utopia. Ao analisar a realidade em que vivemos na conjuntura da globalização, o autor nos chama a atenção para o fato de que apesar do predomínio da interpretação homogeneizante sobre o termo globalização, que leva ao encobrimento da exclusão social, do desemprego e da miséria, é necessário pensar em um mundo melhor.

Ele acredita na possibilidade de uma revolução sócio-cultural, capaz de promover mudanças neste quadro. Nesta perspectiva, as mudanças estão associadas ao intercâmbio de culturas e de raças. Isto, a seu ver, indica possíveis transformações no futuro da humanidade.

Santos (2006), ao analisar a situação dos pobres na cidade, afirma que o migrante frente ao consumo imaginado, mas não atendido, apresenta uma “carência fundamental” que produz um desconforto criador. No filme “Robots”, esse desconforto aparece no momento em que Rodnev se depara com todas as mudanças em Robópolis, fato que o faz esquecer por alguns instantes o seu lema. Contudo, esse desconforto criador presente nos migrantes, também se apossa de Rodnev e o instiga a lutar pela concretização dos seus sonhos.

Portanto, apesar das lacunas e fragilidades, este trabalho foi importante por ser uma primeira experiência na análise temática de um filme infantil, tendo como mote a aplicação dessas análises no ensino de história. Ele foi produzido com a intenção de pensar possibilidades de análise do filme “Robots” que possam ser readequadas pelos professores, de acordo com as exigências das séries em que eles forem trabalhar.

Referências

- BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino: elemento de articulador da formação do professor**. In: Prática de Ensino e estágio Supervisionado na Formação de Professores. São Paulo: AVERCAMP, 2006, p. 19-36.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FENELON, Déa R. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n.10,1993, p.73-90.
- LIPOTEVSKY, Giles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **Cinema e ensino de história: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula**. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 13 maio 10.

PAIM, Elison A. Do formar ao fazer-se professor. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C. et al. (orgs).

Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas, p. 157-171.

ROBÔS. Direção: Chris Wedge. Produção: Jerry Davis, William Joyce e John C. Donkin. Música: John Powell Roteiro: Lowell Ganz e Babaloo Mandel, baseado em história de Jim McClain e Ron Mita. Ano 2005. I filme (duração 89 min), son., color., 35mm.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2007.

VON MYHLEN, Johana Coelho. Robôs: pensando as representações corporais a partir de um filme infantil. **Revista Digital Buenos Aires**, n. 113, out. 2007.

Submetido em 15 de março de 2010

Aprovado em 09 de maio de 2010